

do Absoluto científico — constância, regularidade de relações — estabelece já uma diferença capital, porque suprime a irreducibilidade entre o Absoluto e o Relativo, retirando-lhe o carácter de Entidade isolada e livre, incondicionada e independente que tem em Metafísica. O Absoluto científico é uma Relação, definida pela constância; o Absoluto é esta constância. O Absoluto participa assim das características da Relação. Esta é, como relação em si, ao mesmo tempo dependente e independente dos correlatos; não pode existir sem os termos, é deles portanto dependente; mas como Relação formal, é dos termos independente. A mesma Relação pode existir entre termos muito diferentes; um coeficiente diferencial pode ser constante no fluxo infindo da função. Entre os termos e a Relação há uma conexão íntima, em que todos estão integrados, sem perderem a sua individualidade. A Relação com seus correlatos forma um sistema coerente, uma espécie de constelação que se move segundo leis definidas. Estas leis, são as das matemáticas e as da lógica: por isso mesmo a evolução da lógica passou da forma do predicado à forma das relações. Por isso ainda os problemas mais perturbadores da matemática são aqueles em que uma relação tem um carácter irracional (número irracional) como é a do raio e circunferência, ou a diagonal de um quadrado e um lado desse quadrado. Esta última relação é o número irracional $\sqrt{2}$; e este simples facto precipita-nos em relações misteriosas entre o geométrico e o numérico; e logo a seguir conduz-nos à noção do contínuo matemático, que se deduz da noção geral do número irracional, contínuo que nos conduz, por seu turno, a alguns dos mais complexos problemas da filosofia matemática.

A constância da relação define assim o absoluto científico. Vimos já acima como primeiro a mecânica clássica, depois a física einsteiniana, por fim a relatividade geral einsteiniana é um caminho constante no sentido deste Absoluto por meio da relação integral. Pouco a pouco todas as leis se tornam independentes d'eixos de referência e passam a ser definidas por constâncias de relações intrínsecas. Todo o esforço d'Einstein se polariza nesta definição de correlações intrínsecas, na libertação de sistemas de referência: e é este facto que dá à física einsteiniana a sua

simplicidade, harmonia, coerência e grandeza.

Notemos que, como dizíamos em 1915 (1) «a proposição — o objecto A é duplo do objecto B — não é uma proposição analítica, pois o facto de A ser duplo de B não é um atributo que se possa considerar pertença do sujeito, e que a proposição desarticulasse; mas a proposição não é também sintética, pois que não adicionamos por ela nenhum atributo ao sujeito, visto que o facto de A ser duplo de B não é um atributo de A, e não pode existir sem a presença de B; e ainda que «uma relação possui dois sentidos pois é estabelecida entre dois correlativos».

A matemática e a lógica reduzem-se em parte às leis e propriedades das relações. Ora entre estas propriedades devemos pôr em foco a que resulta da relação ser a um tempo dependente e independente dos correlatos. O lógico formal é a relação pensada sem os correlatos; isto é, abstraindo do correlatos, tal como [=], [\leq], [função], etc. Mas tal abstracção não pode cortar radicalmente a ligação com os termos que ficam sendo implicitamente pensados na relação formal. Não há possibilidade de um formalismo lógico absoluto, porque não há relação em absoluto independente; qualquer relação por mais formal que seja, tem implícitos no pensamento os correlatos, embora reduzidos a símbolos mentais não figurados.

Quando pensamos a relação [$>$] por exemplo, aos lados do sinal os espaços vazios são ocupados por símbolos mentais não figurados que representam correlatos generalizados, neste caso, de um lado [qualquer coisa maior], do outro [qualquer coisa menor]. Quer dizer; mesmo na sua forma mais abstractamente figurada, é a relação em realidade pensada com os seus correlatos. Isto deriva da natureza própria da relação que é impossível sem correlatos. Numa relação lógica formal tal como [=, $>$, etc.] os correlatos estão por assim dizer em estado potencial sob o ponto de vista da forma por que são pensados. Os símbolos mentais não figurados mas no entanto pensados, são impossíveis de supressão radical.

E' isso que faz com que as matemáticas não possam libertar-se em absoluto por uma

(1) Abel Salazar, «Ensaio de psicologia filosófica», Porto, 1915.